

# CÁNTAME ALGO QUE MEHABLE DE LA VIDA

## DESDE:

Argentina

Brasil

Chile

Colombia

España

Irlanda

Italia

México

Paraguay

Portugal

Uganda

USA

Venezuela

## PRESENTA:

Javi Nieves

## NOCHE DE CANTOS INTERNACIONAL

21/11/2020 | 22:00 (Hora española)

Síguelo en [www.encuentromadrid.com](http://www.encuentromadrid.com)

Patrocinan:



# VENEZUELA

**Compositor:** José Alejandro Delgado  
Merengue venezolano

Muitas vezes e principalmente neste tempo, somos testemunhas de muitas coisas que não são como gostaríamos, de tanto mal, tanta miséria, de tantas doenças, de tantas mentiras, e diante disso uma pessoa sente-se pequena, como se não tivesse outra opção a não ser resignar-se.

Mas, felizmente, às vezes aparece alguém, feito de carne e osso, em cujos olhos e gestos podemos ver o amor que penetra na escuridão como uma corrente de água morna e dá uma nova ordem às coisas, em torno da qual tudo o resto é ordenado. Um amor que nos dá “liberdade, coragem e valor” e que, tendo recebido, também oferecemos aos outros.

Esta canção segundo o seu próprio autor é uma “oferenda de amor”, para lembrar por alguns minutos que o mal, embora sempre presente, não tem a última palavra.

## Hazte de esta canción

Vemos caerse casas y templos,  
vemos los mares tragar ciudades,  
vemos volcanes volver cenizas,  
todas mis certezas, todas tus verdades.

Vemos a gente que mata gente,  
vemos las guerras multiplicadas,  
vemos la vida esquivando balas,  
perdida, sedienta, cansada, callada.

Pero veo en tus ojos  
el amor creciendo por sobre el dolor,  
reparando cables en tu corazón,  
tu amor me hace grande,  
tu amor me da vuelo, ventaja y valor.

Cuando caigas recuerda  
que tienes un pecho para amanecer  
y hazte de esta canción para volar  
y suéltate, que no hay remedio mejor,  
que el tiempo cura  
y las heridas las sana el amor.

## Agarra esta canção

Vemos casas e templos a cair,  
vemos os mares engolirem cidades,  
vemos vulcões virarem cinzas,  
todas as minhas certezas,  
todas as tuas verdades.

Vemos pessoas a matar pessoas,  
vemos as guerras multiplicadas,  
vemos a vida esquivando balas,  
perdida, sedenta, cansada, calada.

Mas vejo nos teus olhos  
o amor a crescer sobre a dor,  
consertando cabos no teu coração,  
o teu amor torna-me grande,  
o teu amor faz-me voar,  
dá-me vantagem e valor.

Quando caíres lembra-te  
que tens um colo onde amanhecer  
e agarra esta canção para voar  
e deixa-te ir, não há melhor remédio,  
porque o tempo cura  
e as feridas são sanadas pelo amor.

**Participantes:** Aquiles Báez (cuatro venezolano, Caracas), Yola García (percussão, Caracas), Jorge Torres (bamdolim, Caracas), José Francisco Sánchez (guitarra e arranjo, Caracas), Carlos Arellano (edição audiovisual). Vozes por ordem de aparição: Andrea Marius (Caracas), Yola García (Caracas), Graciela Pérez (El Tocuyo), Leticia Marius (San Antonio), Leonardo Marius (Caracas), Carlos Monsalve (Caracas), Virginia Dávila (Mérida), Juan Moncada (Mérida) e Andrea Paola Márquez (Caracas).

# CHILE

Compositor: Alberto Plaza

Conhecemos esta canção quando estávamos na faculdade. Chamou-nos à atenção a sua pergunta constante sobre o universo. Porém, depois de tantas perguntas interessantes, no refrão, o autor resolveu dizer "Não quero saber como se move o universo...". Então, a nossa curiosidade cresceu, e escrevemos ao autor para perguntar-lhe porquê, esta canção, cheia de perguntas, depois parece acomodar-se, e não quer saber as respostas? "Perdoe a nossa rebeldia, mas nós cantamos 'Eu quero saber!'" E ele respondeu-nos: "Eu tinha 16 anos quando escrevi essa canção e achava que os olhos de uma mulher bastavam para responder às minhas perguntas. Mas agora que sou um homem, reconheço que o amor pode despertar o nosso desejo de saber mais. Portanto, vocês podem continuar a cantar "Eu quero saber...".

## Dime, hermano

Dime, hermano,  
¿por qué la montaña  
no ha podido olvidarse del mar?  
El ingrato se fue una mañana  
y no quiso jamás regresar.  
Con señora paciencia lo espera,  
y va soñando que ya he de volver,  
y los ríos son llantos de pena,  
pena del que ha perdido un querer.

Dime, hermano, ¿es verdad que la luna  
es el sol que se ha ido a bañar,  
y que ha vuelto cubierto de espuma,  
salpicando la oscuridad?  
Dime, hermano, ¿será que las olas,  
pedacitos inquietos de mar,  
sólo hasta el horizonte se asoman  
porque no han aprendido a nadar?

*Yo quiero yo saber,  
cómo se mueve el universo,  
yo solo sé que con un beso,  
le das sentido y vida a mi voz.  
¿Quién mueve tanto el mar?  
¿Y quién enciende el firmamento?  
Que me lo digan tus ojitos,  
luz de mi verso y de mi canto.*

## Diz-me, irmão

Diz-me, irmão,  
porque é que a montanha  
não consegue esquecer o mar?  
O ingrato saiu uma manhã  
e nunca quis voltar.  
Com senhora paciência o espera,  
E continua sonhando que ele voltará,  
E os rios são lágrimas de tristeza,  
tristeza de quem perdeu um amor.

Diz-me, irmão, é verdade que a lua  
é o sol que se foi banhar  
e que voltou coberto de espuma,  
espirrando a escuridão?  
Diz-me, irmão, será que as ondas,  
pedacinhos inquietos do mar,  
só até ao horizonte aparecem,  
porque não aprenderam a nadar?

*Eu quero saber,  
como o universo se move,  
eu só sei que com um beijo  
tu dás sentido e vida à minha voz.  
Quem move tanto o mar?  
E quem ilumina o firmamento?  
Que os teus olhinhos me digam,  
luz do meu verso e do meu canto.*

Dime, hermano,  
¿es verdad que el desierto,  
ha perdido las ganas de amar?  
Cada noche las nubes lo besan  
pero agua no quieren dejar.

Dime, hermano, ¿la naturaleza  
qué me enseña del bien y del mal?  
¿Tiene acaso una eterna tristeza?  
La razón le ha enterrado un puñal.

Dime, hermano ¿por qué a las estrellas  
no las dejan salir a pasear?  
Con su forma  
redonda y coqueta,  
cierto es que se deben cuidar.  
Pero sé de cuartados planetas,  
de un lejano sistema solar,  
que vivieron cerrando la puerta y los  
tragó el infinito voraz.

*Yo quiero yo saber,  
cómo se mueve el universo,  
yo solo sé que con un beso,  
le das sentido y vida a mi voz.  
¿Quién mueve tanto el mar?  
¿Y quién enciende el firmamento?  
Que me lo digan tus ojitos,  
luz de mi verso y de mi canto.*

Diz-me, irmão,  
é verdade que o deserto,  
perdeu o desejo de amar?  
Cada noite as nuvens o beijam  
mas a água elas não querem deixar.

Diz-me, irmão, a natureza  
o que me ensina sobre o bem e o mal?  
Tem por acaso uma eterna tristeza?  
A razão enterrou-lhe um punhal.

Diz-me, irmão porquê às estrelas  
não as deixam sair para passear?  
Com as suas formas  
redondas e sedutoras,  
é verdade que devem ter cuidado.  
Mas sei de quadrados planetas,  
de um distante sistema solar,  
que viveram fechando a porta  
e o infinito voraz os engoliu.

*Eu quero saber,  
como o universo se move,  
eu só sei que com um beijo  
tu dás sentido e vida à minha voz.  
Quem move tanto o mar?  
E quem ilumina o firmamento?  
Que os teus olhinhos me digam,  
luz do meu verso e do meu canto.*

**Participantes:** Álvaro Arriagada, Víctor Barrientos, Javier Bossart, Paula Giovanetti, Carlos Infante, María Angelica Kolbach, Pablo Maldonado e Daniel Vargas.

# COLÔMBIA

Compositor: Efraín Orozco

“El Regreso” é uma canção tradicional composta pelo compositor colombiano Efraín Orozco. Escreveu-a aquando do seu regresso definitivo depois de ter vivido no estrangeiro, na Argentina, durante 18 anos. A canção, com ritmo de *bambuco* (estilo de música tradicional dos Andes colombianos), revela a nostalgia por aqueles lugares tão queridos, pelas paisagens e pelas coisas quotidianas do seu lugar de origem, das quais tinha saudades. Coisas simples como lançar um papagaio de papel, que têm a sua raiz na infância. Esta canção tem um significado especial para mim, primeiro porque me foi ensinada pelo meu pai, que era um músico amador, e a outra, porque neste tempo de mudanças grandes e dolorosas, tenho uma nostalgia enorme por voltar a experimentar o calor do abraço de um encontro que mudou a minha vida há muitos anos.

## El regreso

De regreso a mi tierra volví a mis lares  
cabalgando al lomo  
de mis lejanos recuerdos  
y al volver, otra vez,  
en mi mente quedó grabado,  
en mi mente quedó grabado  
el paisaje azul de la edad primera.

De regreso a mi tierra...

*¡Qué lindo es volver al hogar nativo!  
Y poder recordar con los viejos amigos  
la dulce infancia,  
la pelota de trapo, el barquito de papel,  
la encumbrada cometa  
pide y pide carretel.  
He vuelto a escuchar  
la voz del riachuelo,  
la mirla que canta  
en la copa florida del arrayán,  
y en las torres del pueblo  
mil campanitas  
que cruzaron el cielo  
con las notas de mi cantar.*

*Qué lindo es volver...*

## O regresso

De regresso à minha terra  
voltei por estes lados cavalgando sobre  
as minhas memórias longínquas  
e ao voltar, outra vez,  
ficou gravada na minha mente,  
ficou gravada na minha mente  
a paisagem azul da primeira idade.

De regresso à minha terra...

*Que bonito é voltar ao lar natal!  
E poder recordar com os velhos amigos  
a doce infância,  
a bola de trapos, o barquinho de papel,  
o altivo cometa  
pede, e pede, fio.  
Voltei a ouvir  
a voz do riacho,  
o melro que canta  
no copa florida da murtinheira,  
e nas torres da aldeia  
mil sininhos  
que atravessaram o céu  
com as notas do meu cantar.*

*Que bonito é voltar...*

**Participantes:** Andrés Camilo Cárdenas Castellanos, Mauricio Rodríguez Buitrago e Catalina Rubio Páramo.

# IRLANDA

Compositor: Thom Moore

Esta é uma canção escrita há relativamente pouco tempo por Thom Moore, mas é considerada actualmente como uma canção tradicional irlandesa, já que se tornou tão popular na Irlanda. O motivo pelo qual gostamos desta canção, à parte da bela melodia, é porque fala do que nos move no nosso caminho na vida: um desejo por algo que não se compara com nenhuma outra coisa que tenhamos experimentado e que leva dentro da sua beleza e atracção uma promessa de felicidade para a vida.

O homem protagonista desta canção vai num longo percurso para ver a rapariga pela qual está apaixonado: um dos versos da canção diz “agora amaldiçoo o tempo que demora para chegar à minha linda miúda de Cavan”: nada se compara com este amor, nem toda a beleza que ele vê no caminho e que no passado achou “sem comparação”: o objecto do seu amor e desejo é o único que importa, que o pode fazer mover.

Mas o percurso é muito longo (12 milhas) e como toda a gente, ele cansa-se e senta-se. O que o faz voltar a andar é a beleza da realidade que o rodeia (o vermelho das folhas, o azul do céu) que lhe recorda o seu amor, pelo qual anseia. E assim, lembrando-se do motivo que o fez pôr-se a caminho, levanta-se e segue uma e outra vez.

O que nos move é o nosso desejo e precisamos de ser recordados disso para que possamos continuar a mover-nos em direcção àquilo de que estamos à procura. A realidade está aí para nos ajudar neste caminho.

## Cavan girl

As I walk the road from Killeshandra,  
weary I sat down;  
for it's twelve long miles around the  
lake to get to Cavan Town.  
Though Oughter and the road I go once  
seemed beyond compare,  
now I curse the time it takes to reach  
my Cavan girl so fair.

The autumn shades are on the leaves,  
the trees will soon be bare;  
each red-coat leaf around me seems the  
colour of her hair.  
My gaze retreats to find my feet and  
once again I sigh  
as the broken pools of sky remind me of  
the colour of her eyes.

## A miúda de Cavan

Enquanto caminho pela estrada que  
vem de Killeshandra, sento-me exausto;  
porque são doze longas milhas de  
caminho à volta do lago para chegar a  
Cavan Town. Apesar de que Oughter e a  
estrada pela qual vou antes parecia não  
ter comparação, agora amaldiçoo o  
tempo que demora para chegar à minha  
linda miúda de Cavan.

As folhas estão repletas de tons de  
outono, em nada as árvores estarão  
nuas; cada folha de capa vermelha à  
minha volta parece a cor do seu cabelo.  
O meu olhar recua, encontro os meus  
pés e uma vez mais suspiro  
quando um charco de céu quebrado me  
recorda a cor dos seus olhos.

At the Cavan cross each Sunday  
morning, where she can be found.  
She seems to have the eye of every boy  
in Cavan Town.

If my luck will hold I'll have the golden  
summer of her smile,  
and to break the hearts of Cavan men  
she'll talk to me a while.

So next Sunday evening finds me  
homeward  
- Killeshandra bound -  
to work the week till I return  
to court in Cavan Town.  
When asked if she would be my bride,  
at least she'd not say no.  
So next Sunday morning I'll rouse myself  
and back to her I'll go.

As I walk the road from Killeshandra,  
weary I sat down;  
for it's twelve long miles  
around the lake  
to get to Cavan Town.  
Though Oughter and the road I go  
once seemed beyond compare,  
now I curse the time  
it takes to reach  
my Cavan girl so fair.  
Now I curse the time  
it takes to reach  
my Cavan girl so fair.

No cruzamento de Cavan cada domingo  
de manhã, onde a podemos encontrar.  
Parece chamar à atenção de todos os  
rapazes de Cavan Town.

Se eu tiver sorte conseguirei o verão  
dourado do seu sorriso, e para partir os  
corações dos homens de Cavan ela  
falará comigo durante um momento.

Por isso no próximo domingo à tarde de  
volta a casa em direcção a Killeshandra,  
para trabalhar até regressar para  
cortejar em Cavan Town.  
Quando lhe perguntei  
se ela queria casar comigo,  
pelo menos ela não disse que não.  
Por isso no próximo domingo  
de manhã levantar-me-ei  
e de volta para ela irei.

Enquanto caminho pela estrada que  
vem de Killeshandra, sento-me exausto;  
porque são doze longas milhas  
de caminho à volta do lago para chegar  
a Cavan Town.  
Apesar de que Oughter e a estrada pela  
qual vou antes parecia não ter  
comparação, agora amaldiçoo  
o tempo que demora para chegar  
à minha linda miúda de Cavan.  
Agora amaldiçoo o tempo  
que demora para chegar  
à minha linda miúda de Cavan.

**Participantes:** Aileen Altman, Hilda Campbell, Tom Keane, Neil Campbell, Sean Campbell, Owen Sorensen e Raffaella Sorensen.

# MÉXICO

Compositor: Raymundo Pérez y Soto (1908-1991)

Huapango mexicano

Entre tantos “huapangos” que a inspiração huasteca (cultura indígena da América Central) nos deixou, escolhemos “La Cigarra” porque ilustra dois aspectos da expressividade da música mexicana. O primeiro é a sensibilidade do nosso povo muito ligada à vida do campo e que, desde a mais tenra juventude, quando não é distraída pelas modas efémeras, é capaz de intuir com simplicidade e profundidade o horizonte do Mistério que a vida encerra em si. E resulta que o autor escreveu esta canção sendo ainda muito jovem, quase uma criança, impressionado, segundo nos conta a sua filha Aída Pérez Flores, pela brevidade da vida das cigarras. O segundo aspecto que nos interessa realçar é a forma de abordar o tema da morte. A dor, a injustiça, os desamores ou a morte são limites ao desejo de plenitude que nos constitui, mas o peso próprio da vida, a sua consistência, a sua beleza, são tais que não podem ser anulados por esses limites.

## La cigarra

Ya no me cantes cigarra  
que acabe tu sonsonete;  
que tu canto aquí en el alma  
como un puñal se me mete,  
sabiendo que cuando cantas  
pregonando vas tu muerte.

Marinero, marinero,  
dime si es verdad que sabes,  
porque distinguir no puedo,  
si en el fondo de los mares  
hay otro color más negro  
que el color de mis pesares.

*Ay lararí, ay lalalá, ay lalalá  
si hay otro color más negro  
que el color de mis pesares.*

Un palomito al volar  
que llevaba el pecho herido,  
ya casi para llorar  
me dijo muy afligido:  
ya me canso de buscar  
un amor correspondido.

## A cigarra

Já não me cantes cigarra  
que acabe o teu cantilena;  
que o teu canto aqui na minha alma  
como um punhal se mete,  
sabendo que quando cantas  
vais pregando a tua morte.

Marinheiro, marinheiro,  
diz-me se é verdade que sabes,  
porque é que não posso distinguir  
se no fundo dos mares  
há outra cor mais escura  
que a cor dos meus pesares.

*Ai lararí, ai lalalá, ai lalalá  
se há outra cor mais escura  
que a cor dos meus pesares.*

Um pombinho ao voar  
que levava o peito ferido,  
já quase a chorar  
disse-me muito aflito:  
já me canso de buscar  
um amor correspondido.



Bajo la sombra de un árbol  
y al compás de mi guitarra,  
canto alegre este huapango  
porque la vida se acaba,  
y quiero morir cantando  
como muere la cigarra.

*Ay lararí, ay laralá, ay laralá  
y quiero morir cantando  
como muere la cigarra.*

Debaixo da sombra de uma árvore  
e ao ritmo da minha guitarra,  
canto alegre este huapango  
porque a vida se acaba,  
e quero morrer cantando  
como morre a cigarra.

*Ai lararí, ai laralá, ai laralá  
e quero morrer cantando  
como morre a cigarra.*

**Participantes:** Erendira Espinoza Velasco (voz), Alejandro Olivera (guitarra) e Francisco Orozco (edição audiovisual).

# BRASIL

Compositor: Paulinho da Viola  
Samba brasileiro

Neste momento em que completamos cerca de oito meses dentro de nossos barcos, sendo lançados pelas ondas em um mar desconhecido, Rafael e os amigos da Espanha nos convidaram para cantar algo do Brasil, que falasse da vida, da nossa vida. Logo lembramos de Timoneiro, um samba de Hermínio Bello de Carvalho e Paulinho da Viola. Um samba porque esse gênero tão “nosso” nos mostra que a poesia da vida é expressão de uma companhia. A música nos lembra que não estamos sós, e que o nosso próprio mar é conduzido por um Deus timoneiro, amante do nosso destino, presente, amigo.

## Timoneiro

*Não sou eu quem me navega  
Quem me navega é o mar  
Não sou eu quem me navega  
Quem me navega é o mar  
É ele quem me carrega  
Como nem fosse levar  
É ele quem me carrega  
Como nem fosse levar*

*Não sou eu quem me navega...*

E quanto mais remo mais rezo  
Pra nunca mais se acabar  
Essa viagem que faz  
O mar em torno do mar  
Meu velho um dia falou  
Com seu jeito de avisar:  
- Olha, o mar não tem cabelos  
Que a gente possa agarrar

*Não sou eu quem me navega...*

Timoneiro nunca fui  
Que eu não sou de velejar  
O leme da minha vida  
Deus é quem faz governar  
E quando alguém me pergunta  
Como se faz pra nadar  
Explico que eu não navego  
Quem me navega é o mar

*Não sou eu quem me navega...*

A rede do meu destino  
Parece a de um pescador  
Quando retorna vazia  
Vem carregada de dor  
Vivo num redemoinho  
Deus bem sabe o que ele faz  
A onda que me carrega  
Ela mesma é quem me traz

*Não sou eu quem me navega...*

**Participantes:** Alfredo Lobo Borges, Ana Rita Assis, Beatriz Bertelli, Cecília Bertelli, Ernane Souza, Isabela Alberto, Laura Souza, Marcela Bertelli, Maria Fernanda Assis, Marta Elisabete Reis Lobo Borges, Paola Gaginni, Raquel Assis, Rita Rocha, Rosangela Pereira, Sofia Dolabela e Tatá Sympa.

# PARAGUAI

Letra: Manuel Ortíz Guerrero

Música: José Asunción Flores

É impressionante ver que o poeta a tenha escrito com uma positividade e uma certeza em relação ao destino, estando doente de lepra, e levando uma vida de dor e isolamento, em parte, similar ao que temos que viver nestes tempos. A borboleta representa o cumprimento, a realização que o coração do homem tanto anseia. O ideal de amor, de justiça, de verdade, de beleza que o homem persegue, sem poder tocar ou alcançar, pelo menos ainda não totalmente, nesta vida. Mas todos os sacrifícios da vida valem a pena e têm um sentido, uma consolação indo sempre em direcção a esse ideal, com a certeza do seu cumprimento.

## Panambi vera

Panambí che raperãme  
resêva rejeroky,  
nde pepo kuarahy'ãme tamora'é...  
añeñoty.

Nde réra oikóva  
ku eíra saitéicha che ah'y'o kuápe  
ha omboasukáva chéve  
amboy'úvo che resay.

Ku ñuatîndy rupi  
ñu ka'aguýre ne muñahápe  
iku'ipáva che anga che pópe huguy syry.

Reguejy haguã che pópe  
aikóva anga romuña  
ha torýpe torypápe che áripi...  
rehasa.

Panambí ndeichagua  
Tupã rymba piko oime iporãva  
resê yvytúndie che yvotytyre nde saraki.

Remimbivero ko che resápe  
remimbipáva,  
tove mba'éna nde rapykuéri tañe hundí.

Panambi, panambi.

## Borboleta dourada

Borboleta que no meu caminho  
sempre sais a bailar  
à sombra das tuas asas quero...  
descansar.

O teu nome  
se aninha na minha garganta  
como mel silvestre que adoça  
as lágrimas amargas que trago.

Entre espinheiros, campos e bosques,  
feita em farrapos  
leva a minh'alma na mão a sangrar.

Para que pouses nas minhas mãos  
persigo-te sem descanso,  
enquanto que tu brincando alegre...  
passas sobre mim.

Borboleta, na terra não existirá  
um ser tão belo como tu,  
que com o vento apareces brincando no  
meu jardim.

Com o teu esplendor,  
a tua luz cintilante brilha em meus olhos.  
Deixa-me que perca o meu último suspiro  
correndo atrás de ti.

Borboleta, borboleta.

**Canta o Coro Memorare CL Paraguay:** Freddy Galeano (guitarra, arranjo e direcção), Caroliz Duarte, Andrea Grau, Sonia Villalba (sopranos), Ivana Mendoza, Sara Rebolledo (contraltos), Lua Ayala, Alberto Esquivel, Hugo Rabery (tenores), Hugo Martínez, Joaquín Ruiz (baixos). Carlos Infante (edição audiovisual), Primo Alderete, Mafe Benítez, Jussara Dos Santos, Diana Fernández e Analía Galván (tradutores).

# ITÁLIA

Escolhemos propor-vos “In cil ‘e jè une stele” porque traz uma mensagem muito pertinente para o momento difícil que estamos a atravessar. Trata-se de uma velha canção popular proveniente do Friuli (uma região da Itália setentrional, delimitada de um lado pelas montanhas e de outro pelo mar), num arranjo para um coro masculino da autoria do maestro Andrea Mascagni.

Esta canção era cantada também pelos soldados durante a Primeira Guerra Mundial. Não se trata, no entanto, de uma canção que fala da guerra, mas de uma comovente serenata amorosa.

E é esta a razão principal pela qual a escolhemos, além do facto de que a música é verdadeiramente extraordinária. Escolhemo-la porque, através do exemplo representado da história de amor, transmite o sentido da esperança; esperança entendida como profunda convicção de que o bem chegará a manifestar-se ainda que as circunstâncias pareçam negá-lo temporariamente. Da mesma forma que lhe sucede ao apaixonado da canção que, em virtude do que o liga à sua amada, tem a certeza de que não a perderá.

## In cil ‘e jè une stele

In cil ‘e jè une stele  
che brile di splendor,  
di dutis la plui biele:  
la stele da l’amor.

Co’ spunte la matine  
la stele va lontan;  
jò ti dis: Mandì, ninine,  
si viodarìn doman.

## No céu há uma estrela

No céu há uma estrela  
resplandecente,  
A mais bela de todas:  
a estrela do Amor.

Quando irrompe a aurora,  
a estrela vai-se embora;  
Eu digo-te: Adeus, pequena,  
amanhã voltamos a ver-nos.

**Canta o Coro CET:** Marco Aime, Luca Altieri, Stefano Altieri, Simone Bassi, Paolo Bertacco, Mauro Berzovini, Pietro Bonfanti, Gabriele Buongarzone, Emanuele Christin, Andrea Conconi, Simone Cordano, Francesco Currò, Alberto Dellacroce, Simone Itri, Giovanni Lattanzi, Alessandro Ledda (direcção), Giacomo Lesma, Marco Lombardi, Riccardo Manfrè, Francesco Morabito, Stefano Pezzati, Matteo Richelda, Emanuele Rombi, Andrea Ronchi e Matteo Sabato.

# PORTUGAL

Compositor: Georgino de Sousa  
Fado português

O fado é um dos tipos de canção popular portuguesa e, certamente, o mais distinto de todos. Esta letra, encaixada num fado tradicional, descreve de uma forma muito simples a dimensão da saudade enquanto nostalgia de um bem ausente, mas no fundo feliz porque certa de que esse bem existe e é para sempre, assim como são as relações verdadeiras na nossa vida. Nenhuma adversidade (como a miséria que é descrita), por mais dura que seja, pode apagar a experiência do bem.

## Pombalinho

Naquela casa afastada  
a miséria fez morada  
e nunca mais quis sair.  
Quem lá mora não tem nada,  
mas nos vasos da sacada  
há saudades a sorrir.

Saudades lembram a esperança  
que nunca morre nem cansa  
se viveu no coração.  
Embora pesem no peito  
sombras de amor já desfeito,  
sempre fica uma ilusão.

Por isso mesmo, que importa  
que a miséria bata à porta,  
se a esperança entra a seguir?  
E como o sol da alvorada  
nos canteiros da sacada  
há saudades a sorrir.

**Participantes:** Antonio Moniz Pereira (voz), Maria Seabra Duque (guitarra) e Vasco Pereira Coutinho (edição audiovisual).

# ARGENTINA

Compositor: Jorge Fandermole  
Canção do litoral

"Oración del remanso" nasce numa pequena aldeia de pescadores no nordeste da Argentina, numa região atravessada pelo imenso rio Paraná. Um rio que se transforma em delta antes de voltar a reunir-se com o mar. Desde distintas comunidades do país unimo-nos com esta canção que é a nossa forma de pedir. Entoamos um canto de pescadores como oração à vida, ao amor, ao trabalho. As nossas vozes unem-se através de diferentes rios, sonhos e esperanças para dar-vos um presente ao coração, para dizer-vos que está a amanhecer e que estamos juntos. Para repetir o mesmo pedido: "água do rio velho, leva rápido este canto para longe que está clareando e vamos pescando para viver".

## Oración del remanso

Soy de la orilla brava  
del agua turbia y la correntada  
que baja hermosa por su barrosa  
profundidad,  
soy un paisano serio, soy gente del  
remanso Valerio que es donde el cielo  
remonta el vuelo en el Paraná.

Tengo el color del río  
y su misma voz en mi canto sigo:  
el agua mansa y su suave danza  
en el corazón,  
pero a veces oscura va turbulenta  
en la ciega hondura y se hace brillo en  
este cuchillo de pescador.

*Cristo de las redes, no nos abandones  
y en los espineles déjanos tus dones.  
No pienses que nos perdiste,  
es que la pobreza nos pone tristes,  
la sangre tensa  
y uno no piensa más que en morir.  
Agua del río viejo,  
llévate pronto este canto lejos  
que está aclarando  
y vamos pescando para vivir.*

## Oração do remanso

Sou da margem brava,  
da água turva e da corrente  
que desce bela pela sua barrenta  
profundidade,  
sou um camponês sério, sou gente do  
Remanso Valerio que é onde o céu  
levanta vôo no Paraná.

Tenho a cor do rio, e a sua mesma voz  
no meu canto eu sigo:  
a água mansa e a sua suave dança  
no coração,  
mas, às vezes escura, ela vai turbulenta  
na cega profundidade  
e faz-se brilho nesta faca de pescador.

*Cristo das redes, não nos abandones  
e nos espinéis deixa-nos os teus dons.  
Não penses que nos perdeste, é que a  
pobreza nos deixa tristes,  
o sangue tenso  
e só se pensa em morrer.  
Água do rio velho,  
leva rápido este canto para longe  
que está clareando  
e vamos pescando para viver.*

Llevo mi sombra alerta  
sobre la escama del agua abierta  
y en el reposo vertiginoso del espinel  
sueño que alzo la proa  
y subo a la luna en la canoa  
y allí descanso,  
hecha un remanso mi propia piel.

Calma de mis dolores,  
ay, Cristo de los pescadores,  
dile a mi amada  
que está apenada esperándome,  
que ando pensando en ella  
mientras voy vadeando las estrellas,  
que el río está bravo  
y estoy cansado para volver.

*Cristo de las redes, no nos abandones  
y en los espineles déjanos tus dones.  
No pienses que nos perdiste,  
es que la pobreza nos pone tristes,  
la sangre tensa  
y uno no piensa más que en morir.  
Agua del río viejo,  
llévate pronto este canto lejos  
que está aclarando  
y vamos pescando para vivir.*

Levo a minha sombra alerta sobre a  
escama da água aberta  
e no repouso vertiginoso do espinel  
sonho que levanto a proa  
e subo à lua na canoa  
e aí descanso, minha própria  
pele feita um remanso.

Calma das minhas dores,  
oh, Cristo dos pescadores,  
diz à minha amada que está triste  
esperando-me,  
que vou pensando nela  
enquanto vou vadeando as estrelas,  
que o rio está bravo  
e estou cansado para voltar.

*Cristo das redes, não nos abandones  
e nos espinéis deixa-nos os teus dons.  
Não penses que nos perdeste, é que a  
pobreza nos deixa tristes,  
o sangue tenso  
e só se pensa em morrer.  
Água do rio velho,  
leva rápido este canto para longe  
que está clareando  
e vamos pescando para viver.*

**Participantes.** La Plata: Maria Cirnigliaro (edição audiovisual e produção), Maximiliano Olivero (ideia do vídeo), Lucas Perez e Ana De Massi (voz e vídeo). Santa Fe: Raul Quintana (som e produção), Margarita Abram (vídeo), Guadalupe Ferrero, Emirena Auyeros, Victor Auyeros, Mauro Fornari, Carlos Cantero e Gabriela Gonzalez (voz e vídeo). Bahía Blanca: Claudio Rotstein (produção e mistura), Eugenia Porta (piano e vídeo), Padre Fabio Oller (acordeão e vídeo), Rosario Ojeda (voz e vídeo) e Amelia López (voz). Salta: Jorge Colque (voz e vídeo) e Cecilia Shindler (gravação de imagens). Concordia: Matias Benitez (gravação de vídeo), Estela Gomez, Graciela Vaccari, Hilda Sanchez, Patricia Farias e Silvana Veron (voz e vídeo). Buenos Aires: Gabriela Portantier (introdução e produção), Itati Contreras, Laura Garcia, Juan Horn, Claudia Alvarez (voz e vídeo), Pablo Perego (som e vídeo), Francesca Casaliggi (tradução italiana), Santiago Di Salvo (tradução italiana) e Claudia Oliveira (tradução portuguesa). Campana: Nicolas Massetto, Alejandra Baldaccini e Ana Barale (voz e vídeo). Chaco: Matias Gimenez (guitarra e vídeo), Vanina Perramon (voz e vídeo). Maschwitz: Joaquin Giles (bombo, voz e vídeo), Carolina Martin, Lujan Giles, Lalo Portal (voz e vídeo), Teresa Giles, Bautista Giles, Pilar Giles, Fernando Giles (voz), Cecilia Porfirio, Guillermo Erbeti, Rosana Cabrera, Candelaria Portal e Amparo Portal (vídeo).

# UGANDA

Compositor: Mowzey Radio

Quando recebi o convite do Juan para participar no Encontro Madrid 2020 com esta pergunta “Em quem posso confiar?”, deparei-me com Pedro que tinha Jesus diante dele, sobre as águas. Para Pedro, só a presença de Cristo lhe permitia estar seguro ao caminhar sobre as águas. Para mim, encarar esta pergunta é meter-me nos sapatos de Pedro e sair do barco com a certeza absoluta de que só Cristo é o mestre de tudo e que só através d’Ele posso realmente dizer “eu”. Por este motivo, escolhemos a canção “Tambula nange” que significa “Caminha comigo”. A música para nós é uma oração a Deus para que Ele possa estar connosco sempre. Por esta razão, percebemos que só lhe podemos rezar a alguém em quem confiamos e pedir-lhe que nunca nos deixe sós porque sós não somos nada, mas com Ele podemos viver as nossas vidas cheias de significado porque Ele é o Significado.

## Tambula nange

Leero ndukukwasizza Katonda  
Gwe eyakola byonna  
N’omusana n’ogwasa  
Byonna byendaba  
N’ebyekwese ewala  
Kasita ndi naawe asinga  
Era lumu ndibizuula  
Byenakwatako leero  
Obisseeko omukono gwo  
Ondagenga ekkubo  
Ongyasize ettaala

*Katonda  
Tambula nange  
Mpanguzaako leero nange  
Katonda  
Tandika nange  
Nongooseza ndaga ekisa*

Amaanyi g’omukwano gwo gammalemu  
obunafu  
Mpeereza n’omuguwa  
Ninnyisa amadaala  
Ekiro enkuba yasuze efukirira  
Emiti n’ebimuli  
Eky’okulya tukisuubira  
Wano wendi ndiwo ku lulwo  
Amayanja emigga  
Weebale kundabirira

## Caminha comigo

Deus, vem comigo  
Eu entrego-Te este dia a Ti, Deus,  
que creaste tudo  
e fizeste o sol brilhar sobre nós,  
tudo o que eu vejo  
e tudo o que está escondido ao longe.  
Eu estou conTigo, Todo-Poderoso.  
E um dia verei,  
abençoa o meu trabalho de hoje,  
mostra-me sempre o caminho  
e acende uma lanterna

*Senhor,  
caminha comigo,  
concede-me a vitória hoje.  
Senhor,  
começa comigo,  
purifica-me e sê misericordioso comigo.*

Deixa que o poder do Teu amor tome a  
minha preguiça  
manda-me uma corda,  
puxa-me para cima.  
A chuva regou toda a noite,  
árvores e flores,  
nós esperamos por comida,  
estou aqui por Tua causa.  
Mares e rios,  
obrigado por tomares conta de mim.



*Katonda*  
*Tambula nange*  
*Mpanguzaako leero nange*  
*Katonda*  
*Tandika nange*  
*Nongooseza ndaga ekisa*

By'onkolera mbisiima byonna  
eby'amagero  
Gwe omanyi n'ekipimo  
Ekirungi ekimala  
Nkusobya buli lukedde ne  
ssikwenenyera  
Gwe ng'ate bambi oyagala  
Nze nneme okukwerabira  
Okulwanyisa amazima kinzizziza  
emabega  
Ntukuliza olulimi lwange  
Ntukuliza emikono gyange

*Katonda*  
*Tambula nange*  
*Mpanguzaako leero nange*  
*Katonda*  
*Tandika nange*  
*Nongooseza ndaga ekisa*

*Senhor,*  
*caminha comigo,*  
*concede-me a vitória hoje.*  
*Senhor,*  
*começa comigo,*  
*purifica-me e sê misericordioso comigo.*

Eu agradeço todos os milagres  
que fazes por mim,  
Tu até sabes  
a quantidade certa e adequada.  
Eu ofendo-te todos os dias  
e nunca te peço perdão,  
ainda assim Tu amas-me.  
Para que eu  
nunca te esqueça,  
renegando a verdade:  
purifica a minha língua,  
limpa-me as mãos.

*Senhor,*  
*caminha comigo,*  
*concede-me a vitória hoje.*  
*Senhor,*  
*começa comigo,*  
*purifica-me e sê misericordioso comigo.*

**Participantes:** Adoch Mary Clare, Aloyo Gladys, Gumperom Immaculate, Twebembere Prim, Eciima Matthew, Komakech Fredy (vozes), Okello Marvin Kevin Ochira (voz e guitarra), Mafura Brian (edição audiovisual) e Mónica Fontana (tradução).

# EUA

Num dos últimos dias de Dezembro de 2014 tive a possibilidade de ir ver o meu amigo Frank à unidade de cuidados continuados onde estava a passar os últimos dias da sua vida. Nada mais chegar agarrou-me a mão e pediu-me que cantasse para ele. Percebi rapidamente que esse seria o nosso último encontro e que ele também era bastante consciente de que estava agora diante da “última ponte”. Era preciso cantar algo verdadeiro, algo que valesse a pena dizer-lhe naquele momento, em que tudo o que é fútil se revela como tal. Cantei-lhe “I want Jesus to walk with me” com toda a verdade que era capaz de expressar. Mas foi o seu assentir, com os olhos fechados, o que tornou aquele canto ainda mais verdadeiro também para mim. Quando o Rafa nos convidou a participar neste gesto, propus esta canção à “Band” (N.T.: refere-se à banda americana Bay Ridge Band) que aderiu com entusiasmo. Apesar da distância e das diferentes circunstâncias que estamos a viver, de facto para cada um de nós os meses marcados pela emergência Covid revelaram claramente o que é necessário para viver humanamente cada instante da nossa vida, cada passo, até à “última ponte”.

## I want Jesus to walk with me

Jesus,  
Jesus, walk with me!

I want Jesus to walk with me  
I want Jesus to walk with me  
All along my pilgrim's journey  
I want Jesus to walk with me

In my trials walk with me  
In my trials walk with me  
When my heart is almost breaking  
I want Jesus to walk with me

When I'm in trouble, Lord, walk with me  
When I'm in trouble, Lord, walk with me  
When my head is bowed in sorrow  
Lord, I want Jesus to walk with me

I want Jesus to walk with me  
I want Jesus to walk with me  
All along my pilgrim's journey  
I want Jesus,  
I want Jesus,  
Lord, I want Jesus to walk with me  
Jesus, walk with me!

## Eu quero que Jesus caminhe comigo

Jesus,  
Jesus, caminha comigo!

Eu quero que Jesus caminhe comigo  
Eu quero que Jesus caminhe comigo  
Ao longo do meu percurso de peregrino  
Eu quero que Jesus caminhe comigo

Nas minhas provações caminha comigo  
Nas minhas provações caminha comigo  
Quando o meu coração quase se parte  
Eu quero que Jesus caminhe comigo

Quando estou em apuros, Senhor,  
caminha comigo  
Quando estou em apuros, Senhor,  
caminha comigo  
Quando a tristeza me deixa cabisbaixo  
Senhor, eu quero que Jesus  
caminhe comigo

Eu quero que Jesus caminhe comigo  
Eu quero que Jesus caminhe comigo  
Ao longo do meu percurso de peregrino  
Eu quero que Jesus,  
Eu quero que o meu bom Senhor Jesus  
venha caminhar comigo Jesus,  
Jesus, caminha comigo!

**Participa Bay Ridge Band:** Jonathan Fields, Riro Maniscalco, Valentina Oriani (arranjo vocal e voz), Cas Patrick (voz), Molly Poole (voz) e Chris Vath (arranjo de piano, voz e piano). Ivano Conti, Tappeti Sonori (mistura e produção sonora), Ivano Conti e Valentina Oriani (edição audiovisual).

# ESPAÑA (Catalunha)

Texto: Glòria Cruz

Música: Càstor Pérez

Habanera catalã

Pelas tabernas de marinheiros da Costa Brava e da Costa Dourada na Catalunha, ou nos portos de Menorca, assim como entre os coros do País Basco, Cantábria, Alicante, Cádiz ou Múrcia, é comum ouvir cantar Habaneras em espanhol, em catalão ou em basco. Essas canções, cuja origem remonta ao início do século XIX em Havana, Cuba, costumam falar de amor e tristeza. Mas a Guerra da Independência (no final do século XIX) deu-lhes um caráter patriótico, vingativo, de ambos os lados. Foi assim que os marinheiros desde a taberna cantavam com saudade sobre as terras cubanas e de muitos amores que aí ficaram.

Em “Vestida de nit”, o autor do canto diz que quer compor uma habanera. Para isso, abandona-se à beleza da paisagem marítima (o azul do mar, o branco da espuma, o cinza da gaivota...), e então, no refrão, explode no desejo ardente de se fundir com tal beleza. Entre os elementos que enumera estão também os velhos pescadores e as suas histórias, de modo que nessa evocação o presente e o passado, a nostalgia e o amor, se unem. Amor pela paisagem, pela pátria, pelo trabalho, pelo mar infinito e pelas mulheres. Uma praia onde se encontram quem fica e aqueles que já só podemos lembrar.

## Vestida de nit

Pinto les notes d'una havanera  
blava com l'aigua d'un mar antic.  
Blanca d'escuma, dolça com l'aire,  
gris de gavines, daurada d'imatges,  
vestida de nit.

Miro el paisatge, cerco paraules,  
que omplin els versos sense neguit.  
Els pins m'abracen, sento com callen,  
el vent s'emporta tot l'horitzó.

*Si pogués fer-me escata  
i amagar-me a la platja  
per sentir sons i tardes del passat,  
q'aquest món d'enyorança,  
amor i calma,  
perfumat de lluna, foc i rom.*

*Si pogués enfilem-me a l'onada més alta  
i guarnir de palmeres el record,  
escampant amb canyella totes les cales  
i amb petxines fer-lis un bressol.*

## Vestida de noite

Pinto as notas de uma habanera azul  
como a água de um mar antigo.

Branca de espuma, doce como o ar,  
cinzenta de gaivotas, dourada de  
imagens, vestida de noite.

Olho para a paisagem, procuro palavras  
que preencham os versos sem  
inquietação. Os pinheiros abraçam-me,  
ouço o seu silêncio, o vento leva todo o  
horizonte.

*Se eu pudesse transformar-me numa  
escama e esconder-me na praia  
para ouvir sons e tardes do passado,  
desse mundo de saudade,  
amor e calma,  
perfumada de lua, fogo e rum.  
Se eu pudesse subir à onda mais alta  
e decorar de palmeiras a memória,  
polvilhando com canela todas as  
enseadas e fazer-lhes um berço com  
conchas do mar.*

Els vells em parlen plens de tendresa,  
d'hores viscudes amb emoció.  
Joves encara, forts i valents,  
prínceps de xarxa, herois de tempesta,  
amics del bon temps.

Els ulls inventen noves històries,  
vaixells que tornen d'un lloc de sol.  
Porten tonades enamorades. Dones i  
Pàtria, veles i flors.

*Si pogués fer-me escata  
i amagar-me a la platja  
per sentir sons i tardes del passat,  
q'aquest món d'enyorança,  
amor i calma,  
perfumat de lluna, foc i rom.*

*Si pogués enfilar-me a l'onada més alta  
i guarnir de palmeres el record,  
escampant amb canyella totes les cales  
i amb petxines fer-lis un bressol.*

Os velhos falam comigo cheios de  
ternura, de horas vividas com emoção.  
Ainda jovens, fortes e valentes,  
príncipes das redes, heróis da  
tempestade, amigos da bonança.  
Os olhos inventam novas histórias,  
navios que voltam de um lugar cheio de  
sol. Levam melodias apaixonadas.  
Mulheres e pátria, velas e flores.

*Se eu pudesse transformar-me numa  
escama e esconder-me na praia  
para ouvir sons e tardes do passado,  
desse mundo de saudade,  
amor e calma,  
perfumada de lua, fogo e rum.  
Se eu pudesse subir à onda mais alta  
e decorar de palmeiras a memória,  
polvilhando com canela todas as  
enseadas e fazer-lhes um berço com  
conchas do mar.*

**Participantes:** Mireia González (voz principal), Mercè Alsina, Sergi Clapés, Aida Espelt, Marc González, Betta Pellegatta, Bea Pich-Aguilera, Alba Pijoan, Joan Pijoan, Anna Riera, Clara Riera, Ferran Riera, Laia Sallés, Enric Seda, Carlos Toda e Clara Valls (vozes), Clara González (voz e violoncelo), Joan Alsina (voz, guitarra, contrabaixo, edição audiovisual), Laia Alsina e Silvia Brugarolas (assistentes de gravação).

**Agradecimientos:** Platja de Santa Cristina, Lloret de Mar (Girona).

# ESPAÑHA (Aragão)

A “jota” é o género musical tradicional popular de Aragão e “Asómate a la ventana” (Espreita à janela) é um bom exemplar. Quando chega o tempo da colheita e os camponeses voltam à cidade depois da jornada de trabalho, do seu interior nasce este canto que enaltece o amor. Por um lado expressa o amor ao trabalho. Os que cantam evocam a memória dos seus pais trabalhando com fadiga mas, ao mesmo tempo, com uma entrega e uma alegria que lhes deixou uma marca indelével. Por isso os faz desejar, como diz a canção, poder trabalhar eles também assim um dia, tal como fizeram os seus pais.

Por outro lado, esta canção reflete o amor à mulher, comparando-a com o sol: “espreita à janela, que a um ceifador não lhe importa que lhe dê o sol na cara”. Para quem se dedica ao duro trabalho do campo, o rosto da mulher espreitando à janela é comparável com o sol que dá vida a todos os seres humanos. Nestes tempos difíceis que vivemos, que nos desafiam a procurar o que nos permite viver com esperança e sem medo, escolhemos esta canção que expressa o gosto pela vida manifestado no afecto pelo trabalho e o amor verdadeiro, signo daquele Amor que nos acompanha em cada dia.

## Asómate a la ventana

Mi padre estaba en la era, trilla,  
trillando, cuando nació,  
y en la era también, mañica,  
trilla trillando te conocí,  
y a la puerta de la iglesia,  
cuando nos vamos a trabajar los demás,  
hemos de rezarle al santo  
detrás del cura y del sacristán.  
Mi padre fue segador,  
yo también lo seré.

Asómate a la ventana,  
cuando vuelva de la siega,  
asómate a la ventana,  
que a un segador no le importa,  
que le dé el sol cara a cara,  
que le dé el sol cara a cara  
cuando vuelva de la siega.

Tralara...

## Espreita à janela

O meu pai estava na eira debulhando [o milho] quando eu nasci, e foi também na eira, mañica [rapariga de Zaragoza], debulhando que eu te conheci, e à porta da igreja, quando os restantes vamos para o trabalho, havemos de rezar ao santo seguindo o padre e o sacristão. O meu pai foi ceifador, eu também o serei.

Espreita à janela  
quando eu volte da colheita,  
Espreita à janela.  
Que a um ceifador não lhe importa  
que lhe dê o sol na cara.  
Que lhe dê o sol na cara  
quando eu volte da colheita.

Tralara...

Ya va el segador,  
que hay que trillar  
en nuestros campos,  
y luego esperar,  
que el trabajar  
forme su callo.

Segador yo seré, ¡ay, amor!  
Cuando vuelva de la siega.

Já lá vai o ceifador,  
que é preciso ceifar  
os nossos campos,  
E depois esperar,  
que o trabalhar,  
crie os seus calos.

Ceifador, eu serei, ai Amor!  
Quando eu volte da colheita.

**Participantes:** Manoli Ramírez (voz principal), Javier Andreo e Rafael Andreo (guitarras), Guillermo Andreo (acordeão), Belén de la Vega, Juan García de Vinuesa, Santiago García de Vinuesa, Jorge Jiménez-Álfaro, Inés Mel, Lourdes Mel, Ernesto Solano (vozes), Javier Portela (mistura sonora) e Mercedes Laviña (gravação e edição audiovisual). Ana Boccanera (tradução inglesa), Carmen Giussani (tradução italiana) e Tiago Moita Lúcio (tradução portuguesa).

*Agradecimento especial a  
Tiago Moita Lúcio e Marcela Bertelli  
pela tradução.*